

BATATICULTURA BRASILEIRA - PROPOSTA DE AÇÃO NA POLÍTICA AGRÍCOLA¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Marli Dias Mascarenhas Oliveira²

1 - INTRODUÇÃO

O complexo agroindustrial batateiro no Brasil envolve volume considerável de recursos a montante e a jusante do setor produtivo. Os produtores movimentam volume financeiro em torno de 250 milhões de dólares anualmente. O contexto conjuntural da bataticultura, dadas as suas características e a sua integração ao Mercado Comum dos Países do Cone Sul (MERCOSUL), deve levar a mudanças radicais por parte das diretrizes de política agrícola do governo e no comportamento dos produtores, tendo em vista que aquele que não se ajustar poderá ser excluído pela lei de mercado.

A proposta deste estudo é a de realizar breve análise da bataticultura brasileira, apontando seus principais problemas, e mostrar algumas referências da Argentina, com o objetivo de iniciar debate visando criar diretrizes que venham dar apoio e organização ao setor produtivo brasileiro, que está carente de uma política agrícola estável e objetiva.

2 - ANTECEDENTES

Nos últimos 50 anos, a agricultura paulista e brasileira teve transformações em todos os campos. A qualidade e quantidade ofertadas tiveram significativas evoluções resultantes de pesquisas na área de produção, uso de insumos e tratos culturais, entre outras. Para atender a demanda foram criados serviços visando atender a sociedade urbana em ritmo crescente.

Na década de 60, em conseqüência do estímulo à industrialização brasileira, a política agrícola foi dirigida visando estimular o consumo de máquinas e insumos químicos com o objetivo de aumentar a produtividade. O sistema de crédito rural era subsidiado visando a indução ao uso dos produtos da agroindústria a montante do setor produtivo rural. Nessa década, o Estado de São Paulo já despontava como um dos principais produtores de batata no País.

Todas as ações e diretrizes de políticas agrícolas do Governo foram tomadas com o objetivo de fortalecer a demanda do complexo agroindustrial e integrar o setor rural nesse contexto. Com isso destinaram-se menos recursos com o objetivo precípua de organizar as associações no setor produtivo e manteve linhas de pesquisa para agilizar o uso intensivo de insumos químicos e máquinas.

O período 1970-90 foi, para a agricultura, conseqüência do impulso dado ao desenvolvimento econômico no País. Para a bataticultura as mudanças foram marcantes. A produção média brasileira na década de 70 foi de 1.773.528 t e na década de 80 de 2.084.541 t. No entanto, a área média entre as décadas diminuiu 15% e a produtividade aumentou em 39%, o que evidencia que a produtividade contribuiu mais para o acréscimo da produção. Isso foi mais significativo nos estados do Paraná, Minas Gerais e São Paulo. Enquanto em Santa Catarina e Rio Grande do Sul houve retração de área cultivada e a produtividade ficou estável (baixa).

No Estado de São Paulo, entre os períodos 1971/74 e 1988/91, a produtividade cresceu em 75%, passando de 11.781 kg/ha para 20.678 kg/ha³, devido em grande parte ao uso intensivo de insumos químicos e à melhoria nos tratos culturais, em especial a irrigação. Essas mudanças, no entanto, contribuíram significativamente para elevar o custo real. O perfil da produção no Estado de São Paulo é semelhante àqueles de Minas Gerais e Paraná, com sistemas de produção idênticos, sendo o mercado consumidor preferencial a região Sudeste.

3 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CALENDÁRIO DO CULTIVO DE BATATA NO BRASIL

A área cultivada média com batata no Brasil no período de 1991-1992 foi de 166.629 hectares, proporcionando 2.349.221 toneladas, em três safras: das águas, cuja colheita é de novembro a mar-

ço; da seca, de abril a julho e a de inverno, de agosto a outubro.

Vale ressaltar que o triênio 1990-92 apresentou produção maior do que o período 1987-89 (Tabelas 1 e 2).

No período 1991-92, o principal Estado produtor foi o Paraná (28%), seguido de São Paulo (24%) e em Minas Gerais (22%). Outros estados participaram com cerca de 26%, notadamente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O plantio das águas foi o maior representando (55,1%), o da seca com 30,2% e de inverno com 14,7% do total produzido. O plantio de inverno é realizado apenas em São Paulo e Minas Gerais, em regiões com baixa frequência de ocorrência de geadas⁴.

Essa distribuição de cultivo foi consolidada na década de 80 e proporcionou ao abastecimento brasileiro níveis de preços acima da média de abril a outubro, ocorrendo os preços mínimos nos meses de dezembro e janeiro e os preços máximos em julho, com maior frequência.

No entanto, no segundo quinquênio de 1980, o perfil de abastecimento do período agosto - outubro começou a mudar, com o crescimento da safra de inverno da região de Campinas e sul de Minas. Com o "Plano Cruzado" esse processo se intensificou até que em 1989 na região de Vargem Grande do Sul e Casa Branca, com safra bastante expandida, foi detectada a presença de resíduo de agrotóxico mercurial em batatas de algumas propriedades. Houve prejuízos enormes também aos proprietários que não tinham usado o referido agrotóxico. Dessa forma, 1990 foi o ano em que se tentou cobrir prejuízos. Os produtores conseguiram bons lucros e aumentaram a área plantada em 1991 com predominância da variedade Achat, que estava contaminada com fungos de sarna pulverulenta (Tabela 3). Em 1991 e 1992 os bataticultores pensando em pagar suas dívidas, acabaram aumentando-as, resultando num período crítico - 1989-92 (Figuras 1 e 2 - Tabela 4 e 5).

A batata no Brasil além de ser produzida, em sua maior parte, em apenas três estados, mostra forte concentração em municípios produtores que devido aos aspectos climáticos, edafológicos e sócio-econômicos se especializaram na sua produção. Em Minas Gerais, a principal região produtora envolve os municípios de Alfenas, Cambuí, Poços de Caldas,

Andradas, Pouso Alegre e São Gotardo. Em São Paulo, 14 municípios são responsáveis por 61% da produção: Casa Branca, Itapetininga, Divinolândia, Montemor, Tatuí, Vargem Grande do Sul, Capão Bonito, Cotia, Ibiúna, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itobi, Porto Ferreira e Socorro. No Paraná, os municípios de Contenda, Guarapuava e Castro constituem a principal região produtora.

4 - A BATATA SEMENTE E O CUSTO DE PRODUÇÃO

A tecnologia de produção de batata comercial no Brasil (Paraná, São Paulo e Minas Gerais) tem homogeneidade quanto à forma e quantidade de insumos, mão-de-obra e tratos culturais utilizados.

No início da década de 70 o uso de insumos era menor e o custo de batata, em dólar, também não era alto, relativamente aos preços e salários da época.

A participação do custo de batata semente no custo operacional total girava em torno de 40%. No ano agrícola 1991/92 o custo operacional para a batata nas três safras (águas, seca e inverno) variou entre US\$7,73 e US\$15,60 por saca de 50 kg, conforme publicação do prognóstico de batata^{5 e 6} (Tabela 6). A participação média de batata semente foi de 35,94% e os itens adubos, corretivos e defensivos participaram em média com 31,69%. Confrontando-se os custos em São Paulo do início da década de 70 com os atuais, percebe-se que houve crescimento de uso de insumos químicos na produção de batata e também aumento real do custo da batata semente, tendo em vista que ela manteve sua participação na cultura como principal dispêndio. A estimativa de custo em Minas Gerais e Paraná oscila entre US\$5,5 e US\$13,5 por saca e a participação dos itens na composição do custo são semelhantes aos de São Paulo.

Para a safra da seca de 1993 a estimativa do custo operacional da batata é de Cr\$4.693,74/sc. 50 kg equivalente a US\$11,18. O item de maior dispêndio é a semente, enquanto adubo, defensivo e operação de máquinas totalizam cerca de 45% do custo operacional. O preço da semente computado é o de mercado (Tabela 7). O método para o cálculo do custo pode ser consultado em Matsunaga, 1976⁷.

TABELA 1 - Produção Brasileira de Batata nos Três Principais Estados Produtores - 1991/92

Região/Cultivo	Águas ¹		Seca ¹		Inverno ¹	
	Produção (1.000 t)	Participação (%)	Produção (1.000 t)	Participação (%)	Produção (1.000 t)	Participação (%)
São Paulo	192,3	8,2	172,2	7,3	210,4	9,0
Minas Gerais	265,7	11,3	116,5	5,0	134,5	5,7
Paraná	417,3	17,8	250,4	10,7	-	-
Outros	419,8	17,8	170,1	7,2	-	-
Brasil	1.295,1	55,1	709,2	30,2	344,9	14,7

¹Produção Média Total no Brasil, em 1991/92 - 2.349.200 t = 100.

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático de Produção - Dez./1992.

TABELA 2 - Área, Produção e Produtividade da Cultura da Batata, Brasil, 1987-1992

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1987	176.857	13.426	2.342.586
1988	173.168	13.279	2.299.749
1989	156.909	13.600	2.132.891
1990	157.759	14.061	2.219.097
1991	160.953	14.072	2.264.852
1992	172.305	14.124	2.433.589

Fonte: Levantamento Sistemático da produção pelo valor (IBGE).

TABELA 3 - Área, Produção e Produtividade da Cultura da Batata, por Cultivo, Estado de São Paulo, 1989-92

Ano	Batata das águas			Batata da seca			Batata de Inverno		
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1989	10.130	18.660	189.000	7.300	19.810	145.000	9.360	22.760	213.000
1990	10.200	18.706	190.800	7.470	20.723	154.800	7.850	22.930	180.000
1991	9.950	19.357	192.600	7.600	20.921	159.000	9.820	23.462	230.400
1992	9.910	19.405	192.300	8.035	21.430	172.200	9.085	27.377	229.500

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

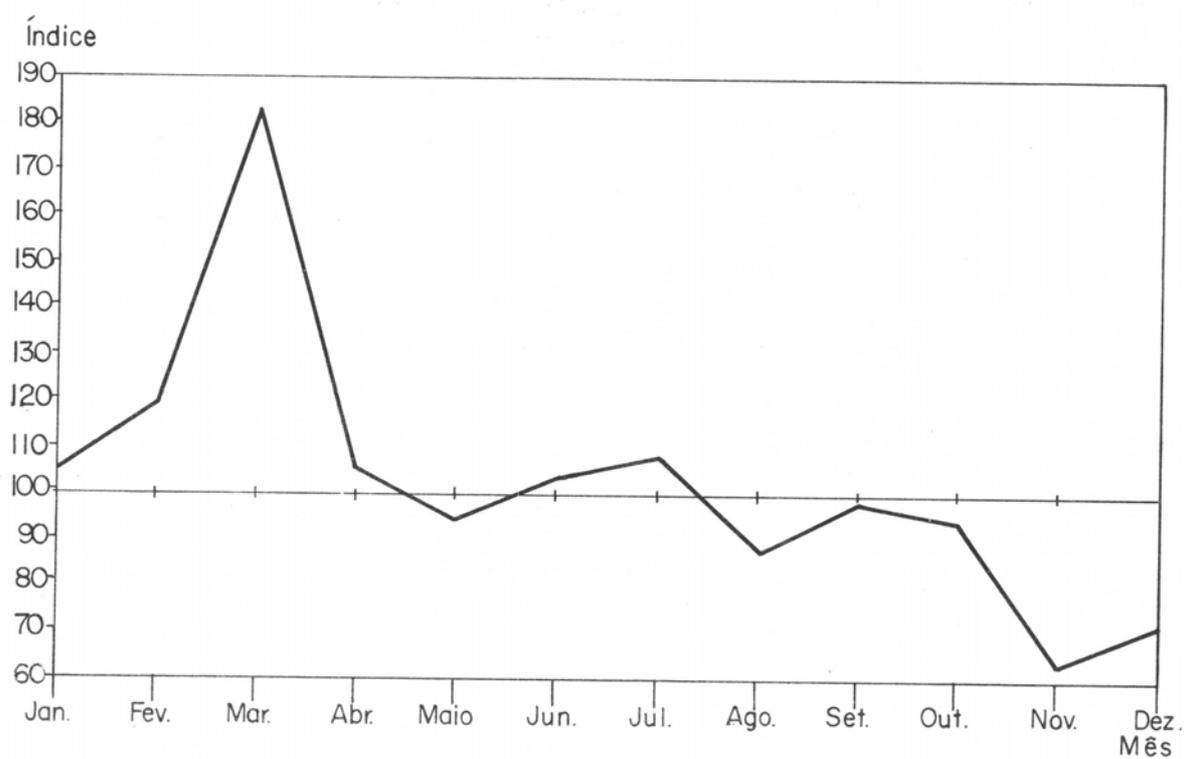


FIGURA 1 - Variação Estacional dos Preços de Batata (em US\$) no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-92.

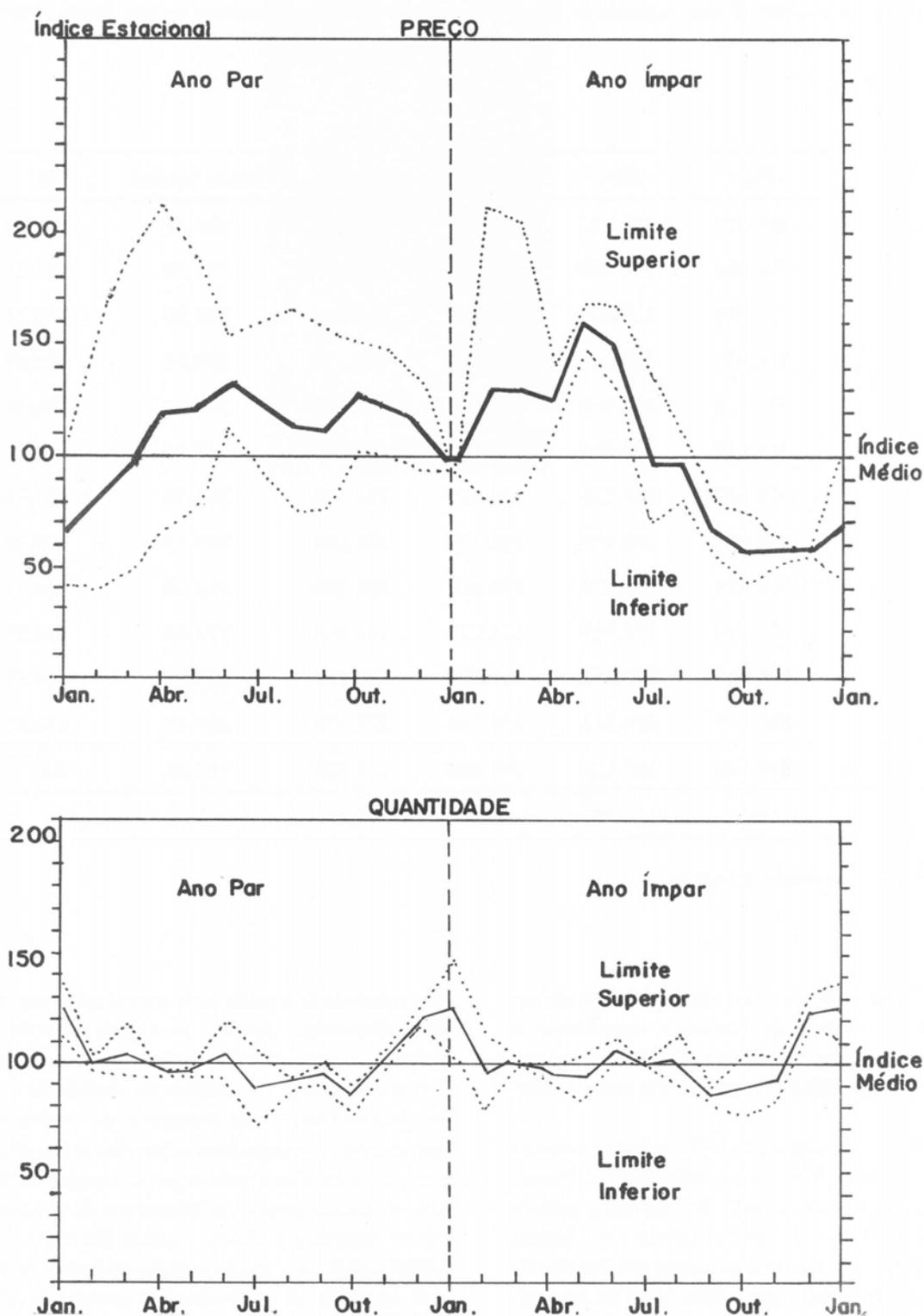


FIGURA 2 - Variação Estacional de Preços e Quantidade de Batata no Entrepasto Terminal de São Paulo, CEA-GFESP, 1985-90

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 4 - Quantidade Comercializada de Batata Comum no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-92
(sc. 50 kg)

Ano/mês	1989	1990	1991	1992	Média mensal	%
Jan.	305.559	378.656	314.283	327.558	331,51	101,90
Fev.	230.494	276.402	235.843	271.604	253,59	133,22
Mar.	291.886	316.309	257.145	288.216	288,39	117,14
Abr.	271.450	297.214	281.328	346.183	299,04	112,97
Mai	282.615	352.969	308.560	347.847	323,00	104,59
Jun.	314.892	330.031	324.180	420.977	347,52	97,21
Jul.	314.892	293.735	334.412	390.325	334,34	101,34
Ago.	283.077	295.265	305.172	353.033	309,14	109,28
Set.	316.115	255.335	276.607	284.900	283,24	119,27
Out.	234.720	254.919	311.013	289.544	272,55	123,95
Nov.	226.066	292.252	301.879	355.961	294,04	114,89
Dez.	285.626	294.313	239.144	377.671	299,19	112,91
Média Mensal	279.780	303.120	290.800	337.820	302,88	100
%	90,45	112,09	93,03	96,96		

Fonte: Boletim Mensal CEAGESP.

Produtores ou suas associações que importam a batata semente da Europa e reproduzem o tubérculo conseguem "filhas de caixa" (batata semente de primeira geração) pela metade do custo comercial.

O contexto da reprodução de batata semente e o controle fitossanitário, na década de 80 no Brasil, merecem atenção especial pelo fato de que a política de importação de batata semente foi alterada, visando diminuir dispêndio na balança comercial do Brasil. Com isso foi estipulado que o Ministério da Agricultura aprovaria as variedades e a quantidade a ser importada. Após a importação os tubérculos deveriam ser reproduzidos sob orientação e controle oficial. Em seguida, a batata (filha de caixa) teria sua qualidade controlada e então seria reproduzida por

empresas cadastradas. Apesar de alguns avanços desse sistema, o custo de reprodução elevou-se e de certa forma foi ineficaz ao controle de entrada de doenças exóticas no País. Como exemplo pode-se citar a sarna pulverulenta (*Spongospora subterrânea*) que só ocorre em países de clima temperado e chegou ao Brasil, sem o conhecimento do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária (MARA). Com o MERCOSUL, a porta de entrada de doenças e pragas será ampliada, já tendo ocorrido compra de tubérculos sementes da Argentina, sem conhecimento oficial, além de produto comercial sem controle sanitário e de resíduos de agrotóxicos. Este ponto é importante porque a lei de agrotóxicos na Argentina é branda.

TABELA 5 - Preço Médio Mensal Comercializado de Batata Comum no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-92

(US\$/sc. 50 kg)						
Ano/mês	1989	1990	1991	1992	Média mensal	%
Jan.	14,21	30,95	17,80	6,64	17,40	86,65
Fev.	22,10	37,92	16,50	8,35	21,22	105,66
Mar.	26,41	71,89	25,30	10,25	33,46	166,65
Abr.	31,20	17,81	32,20	6,40	21,90	109,08
Mai	50,56	16,67	27,30	5,97	25,15	125,24
Jun.	47,65	18,50	23,70	8,29	24,54	122,19
Jul.	25,94	20,20	15,00	10,40	17,89	89,07
Ago.	17,24	19,10	12,00	18,15	16,62	82,78
Set.	18,41	28,20	9,90	20,60	19,28	96,00
Out.	17,21	32,18	7,50	21,50	19,58	97,49
Nov.	10,59	20,00	5,30	13,43	12,33	61,40
Dez.	8,04	18,73	9,00	10,66	11,61	57,81
Média Mensal	24,13	27,68	16,79	11,72	20,08	100
%	121,25	264,08	56,66			

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Revista Suma Econômica (Mensal).

Além disso existem defensivos usados lá que são proibidos aqui, além do uso de antibrotante nos tubérculos comerciais, produto oficialmente não usado no Brasil, e portanto não cadastrado no MARA para esse fim. A batata comercial originária da Argentina vendida em Porto Alegre, em 1991 e 1992, não recebeu controle de fitossanidade e de resíduos.

5 - COMERCIALIZAÇÃO DE BATATA

O canal de comercialização de batata no Brasil é semelhante ao dos produtos hortigranjeiros, com algumas características dos grãos e cereais. O

principal centro atacadista formador de preços é a cidade de São Paulo, onde predominam as cooperativas, o entreposto da CEAGESP e o mercado tradicional nas imediações da Praça São Vito e Rua Santa Rosa. As informações de preço do mercado atacadista de São Paulo são divulgadas através da imprensa a atacadistas de todo o Brasil e pelo SIMA (Serviço de Informação de Mercado Agrícola), que é subordinado ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e Reforma Agrária.

Os mercados atacadistas normatizados ou centralizados apareceram no Brasil com muita ênfase, no início da década de 70 e atualmente existem em todas grandes cidades do centro sul brasileiro. No entanto, analisando-se o período 1980-90 observou-se

TABELA 6 - Estimativa do Custo Operacional de Batata¹, Safra 1991/92, São Paulo

Item	Participação no Cultivo		
	Águas	Seca	Inverno
Mão-de-obra	2,85	2,04	1,85
Sementes	48,48	29,15	30,18
Aubos e corretivos	12,29	16,52	19,76
Defensivos	7,92	17,83	20,75
Operação de máquinas	9,63	14,86	12,34
Depreciação de máquinas	6,64	9,69	6,01
Encargos financeiros	5,28	2,74	2,05
Sacaria	6,90	7,17	6,14
Total	100,00	100,00	100,00
Valor em Cr\$/sc.	5.793,84	12.446,17	17.829,84
Valor em US\$/sc.	15,60	10,39	7,73

¹Cálculo efetuado nas segundas quinzenas de julho, janeiro e abril de 1992.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

que ainda ocorrem distorções, que resultam em aumentos do custo final ao consumidor, sugerindo a necessidade de analisar o desempenho da comercialização por grupo de produtos similares.

No período 1980-90 é possível avaliar o desempenho do setor de comercialização de batata com base nos preços praticados em nível de produtor no Estado de São Paulo e dos mercados atacadista e varejista da capital.

Os produtores paulistas receberam em média US\$ 13,00/sc. 60kg. A oscilação média real durante os meses do ano, em razão da estacionalidade de produção, foi de 50%.

No mercado atacadista de São Paulo o preço médio por saca foi de US\$17,30, evidenciando aumento de 33% relativamente ao preço do produtor.

Os maiores preços foram nos meses de maio, junho e setembro no período analisado (1980-90), enquanto os meses de menores preços foram janeiro e dezembro. A oscilação mensal da média dos preços foi de 40%. O mercado atacadista é determinante para a tendência de preços ao produtor e ao consumidor.

No mercado varejista, o preço médio ao consumidor foi de US\$28,50/sc. 60 kg, ou seja, 63% acima do preço no atacado e 117% do preço ao produtor, lembrando que nessas margens estão embutidos todos os custos de serviços adicionados (transportes, embalagens, impostos, capital de giro e o lucro). A margem observada no mercado varejista, que é o dobro do mercado atacadista, reflete a distorção na distribuição ao consumidor. Como foi dito o período de 1989/92 foi o de maior crise na

TABELA 7 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Batata da Seca, Tração Motomecanizada, 1 Hectare, Produção de 420 sc. de 50 kg, DIRA de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1992/93

Item	Cr\$ ¹		US\$ ²		Participação percentual
	Por hectare	Por saca	Por hectare	Por saca	
Mão-de-obra	1.407.779,98	3.351,86	94,64	0,23	2,02
Sementes	20.001.015,74	47.621,47	1.344,67	3,20	28,65
Adubos e corretivos	9.929.780,00	23.642,33	667,58	1,59	14,22
Defensivos	10.676.636,60	25.420,56	717,79	1,71	15,29
Operação de máquinas	10.823.749,80	25.770,83	727,68	1,73	15,50
Sacaria	2.394.000,00	5.700,00	160,95	0,38	3,43
Colheita ³	1.260.000,00	3.000,00	84,71	0,20	1,80
Custo Operacional Efetivo	56.492.962,12	134.507,05	3.798,02	9,04	80,92
Depreciação de máquinas	7.303.283,73	17.388,77	491,00	1,17	10,46
Encargos financeiros ⁴	1.765.405,07	4.203,35	118,69	0,28	2,53
Encargos sociais ⁵	1.814.026,36	4.319,11	121,96	0,29	2,60
PROAGRO ⁶	2.440.495,96	5.810,70	164,07	0,39	3,50
Custo Operacional Total	69.816.173,24	166.228,98	4.693,74	11,18	100,00

¹Preços coletados na segunda quinzena de janeiro de 1993.

²Dólar médio da segunda quinzena de janeiro/93 = (1US\$ = Cr\$14.874,33).

³Refere-se à catação.

⁴Estimada a taxa real de juros de 12,5% a.a. sobre metade do COE, por período de 6 meses.

⁵Referem-se à mão-de-obra comum e tratorista (27,16%) e 2,2% sobre a renda bruta correspondente à parcela do INSS.

⁶Refere-se a 7,2% do COE, considerando-se limite de financiamento de 60%.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

bataticultura, tendo-se iniciado com os prejuízos da safra de inverno e das águas de 1989, os preços restabeleceram-se em agosto de 1992 e mantiveram-se razoáveis durante a safra de inverno e das águas (1992/93), que teve atraso e redução de área em 5%. Dessa forma os preços mantiveram-se aquecidos até abril de 1993, quando iniciou-se a safra da seca com batata lisa da região de São Gotardo (MG) e Guaraçuava (PR), que mantiveram bom nível de preço devido a sua qualidade até abril. A partir de maio, a região de Ibiúna, Tatuí e Itapetininga iniciam a safra da seca. Esses aspectos de mercado são bons para o produtor fazer o saldo de caixa na safra da seca, mas serão fatais aos produtores da safra de inverno, porque esses preços são estimulantes ao plantio que ocorre em abril/maio e provavelmente causará excesso de produção e preços baixos de outubro a janeiro.

6 - ENTRAVES À BATATICULTURA BRASILEIRA

Dado o contexto produtivo e de comercialização alguns itens merecem atenção especial para ação da política agrícola e comercial, objetivando o seu desenvolvimento:

a) Em nível de propriedade agrícola: uso excessivo de fertilizantes e defensivos, desequilíbrio quanto ao uso de recursos naturais e mão-de-obra, administração sem planejamento adequado para uma empresa agrícola estável. Com esse sistema é difícil baixar o custo da batata ao produtor. A pesquisa deve avaliar economicamente as variedades e a quantidade de insumos e sua combinação.

b) A política de reprodução de batata semente adotada pelo governo é ineficaz para baixar custos e preservar qualidade, dado que o Governo Federal é o controlador comercial, sanitário e fiscal. Houve pouco retorno em termos de custo-benefício ao bataticultor dessa política. É necessário que as atividades federais e estaduais criem normas e fiscalizem sua execução delegando ao setor privado a importação e reprodução de tubérculos semente.

c) A porta de entrada de tubérculos, oriundos dos países do Cone Sul, não tem fiscalização sanitária quanto aos aspectos das doenças exóticas

no Brasil, resíduos de pesticidas e padrões exigidos pelo consumidor brasileiro. É preciso adequar a prática comercial Argentina-Brasil respeitando-se as exigências da política agrícola no Brasil e do consumidor brasileiro.

7 - ARGENTINA

A estimativa de população dos países do MERCOSUL é cerca de 193 milhões de habitantes e PIB de US\$553 bilhões. Argentina e o Brasil possuem 95% da população e são responsáveis por 97% do PIB, do Mercosul, dessa forma pode-se pressupor que o intercâmbio comercial entre São Paulo e Buenos Aires será o balizador do desenvolvimento e da integração. Esse deverá influenciar no comportamento do setor agrícola no Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, o que deve implicar em programas de política agrícola específicos para que essas regiões criem sustentação à população rural, no intuito de ter produção competitiva e racional com outras regiões, ao mesmo tempo que criem emprego, utilizem melhor os recursos naturais e amenizem as diferenças sociais já existentes.

A Argentina tem uma superfície de cerca de 2,8 milhões de km², e com grande parte desse território abaixo do trópico de Capricórnio, e não utilizada em agricultura dado sua localização, (latitude Sul maior que 40°). A área cultivada com agricultura é de 26,3 milhões de hectares (São Paulo explora cerca de 15 e o Brasil 65 milhões de hectares). A região mais rica e de solos mais férteis, com agricultura competitiva, engloba as províncias de Mendoza, Córdoba, San Juan, Rosário e Buenos Aires. Essas províncias situam-se entre os paralelos 30° e 35° latitude Sul (Porto Alegre situa-se à latitude de 30° S).

A Argentina tinha, em 1991, segundo dados de FAO, 32,7 milhões de habitantes dos quais 3,3 milhões residiam na zona rural (o Brasil naquele ano tinha população estimada em 153,3 milhões de habitantes e na zona rural residiam 36,3 milhões). No Estado de São Paulo em 1991, o censo do IBGE calculou em 31,2 milhões o número de habitantes com população residente nos imóveis rurais de cerca de 1,5 milhão.

Os aspectos da produção e abastecimento de batata na Argentina são bastante diferentes daqueles que se verificam no Brasil, dado as diferenças climáticas e a origem étnica de sua população.

A produção de batata argentina ocorre principalmente nas províncias de Buenos Aires e Córdoba, localizadas em regiões de clima temperado.

A área cultivada com batata é cerca de 115.000 hectares com produção anual de 2,4 milhões de toneladas o que proporciona produtividade entre 19 a 20 t/ha.

O custo médio de produção para produtividade de 31 t/ha é de US\$2.500, resultando em US\$ 4,00/sc. 50 kg.

As variedades com maior plantio são as de polpa branca e a Spunta é a principal. Essa variedade possui tamanho e aparência não aceitos pelo consumidor brasileiro. Para a produção industrial a cultivar Atlantic é promissora, dado que é possível sua utilização para a batata palha (Chips) e para abastecimento da classe média e alta da população brasileira com produto diversificado, por exemplo uso para "backed potato" (batata assada e recheada).

Em Córdoba ocorre a produção com variedade semiprecoce (início de primavera) que participa com 20% da produção da Argentina. O plantio ocorre em julho e agosto e a colheita em dezembro-fevereiro.

A sudoeste de Buenos Aires localiza-se a maior região batateira, onde se cultiva as variedades semitardias, com plantio na primavera (outubro-novembro) e colheita em março-abril. Participa com 60% do abastecimento nacional.

A produção de variedades tardias e precoces completam o abastecimento e a colheita ocorre de junho a novembro. Participam com 17% do total. Esses aspectos evidenciam que a maior safra argentina ocorre em março-abril, início da safra da seca no Brasil. No entanto, o abastecimento de junho a novembro é bastante peculiar, dado que a safra é pequena e o abastecimento é complementado por tubérculos estocados nos galpões, em "Montones". Esse período é a época factível do Brasil abastecer a Argentina com produtos industrializados (CHIPS, PALITOS, etc.), através dos restaurantes industriais, hotéis e lanchonetes.

Quanto aos aspectos de consumo, no Brasil consome-se cerca de 14 kg/per capita ano e na Argentina 75 kg, mostrando a importância da batata na dieta alimentícia daquele país. O Brasil produz batata o ano inteiro e sofre forte variação estacional de preços. Na Argentina a variação de preço é pequena, embora parte do ano seja abastecido com estoques. Deverão ser tomadas, ainda, diversas medidas no âmbito do MERCOSUL para sua equalização, para que o Brasil participe desse mercado e usufrua das vantagens sem causar distúrbios econômicos à bataticultura. São necessários direcionamentos da política agrícola à realidade brasileira.

O volume de importação de batata consumo é inexpressivo, em 1991 foram importadas pelo Brasil apenas cerca de 6.000 t a título experimental, visando testar o nível de aceitação do consumidor, inclusive industrial. Na importação brasileira é importante a batata semente originária da Europa, Em 1991 foram internalizadas 2.374 t para reprodução a um custo cinco vezes maior que o da batata consumo.

Para a batata brasileira, o mercado consumidor argentino vislumbra-se apenas em nível industrial com produtos processados, abastecendo principalmente restaurantes industriais, lanchonetes e supermercados e seus derivados. Para participar desse mercado é preciso baixar os custos de produção na lavoura e na indústria.

Para enfrentar esses aspectos cabe ressaltar que o preço da batata semente na Argentina é em média de US\$7,00/sc. 50 kg, no Brasil o preço de mercado ao bataticultor varia de US\$20 a US\$25 por caixa de 30 kg. Há um agravante: as variedades preferidas pelo consumidor do Sudeste brasileiro e as que possuem condições para industrialização têm degenerescência mais rápida, porque são produzidas em clima subtropical (PR, SP e MG), o que exige renovação a cada três plantios a partir da semente básica européia. Dessa forma o que oferece maior potencial é a exploração do clima e do solo da Argentina para reprodução de batata semente. O Chile e a Argentina possuem convênios com países fornecedores de batata semente para o Brasil, o que possibilita haver entendimentos entre esses países para que a reprodução de batata semente ocorra

próximo à latitude 40° S, diminuindo o custo da semente aos bataticultores brasileiros, desde que suas associações e cooperativas possam produzir tubérculos na Argentina e o MARA atue apenas como controlador sanitário e fiscal.

8 - PROPOSTAS

8.1 - Em Nível de Administração de Empresa Agrícola

Com objetivo de maximizar o uso dos recursos produtivos e baixar o custo da batata, propõe-se uso moderado e racional de macro e microelementos dentro de um sistema que vise o "**condicionamento do solo**" para três cultivos em rotação anual, por exemplo: batata, feijão e milho. Esses cultivos durante o ano visam tão somente o equilíbrio na propriedade, em termos de uso de mão-de-obra, máquinas, utilização da adubação residual, incorporação de matéria orgânica, etc. É uma forma de iniciar o "**cultivo mínimo do solo**" com rotação de culturas, diversificando a exploração dentro da propriedade e evitando que o solo fique descoberto, sujeito a erodibilidade (sol, chuva, vento e perda de matéria orgânica).

Sem dúvida alguma, a propriedade irrigada, com recursos humanos que saibam cultivar quatro espécies vegetais, sendo três delas anuais e mais a criação de animais, terá possibilidade de obter maior receita líquida por hectare, obter estabilidade econômica e baixar o custo de produção de suas lavouras.

Os produtores também devem se associar com o objetivo de comprar insumos a preços mais baixos, em razão da maior escala e vender o produto classificado e embalado na região de produção utilizando o "packing-house" próprio ao invés de ficarem sujeitos aos atacadistas.

8.2 - Necessidade de Alteração na Política de Reprodução de Batata Semente em Níveis Federal e Estadual

Visando agilizar o sistema de reprodução

de batata semente e baixar o custo propõe-se:

- a) Reprodução de semente pela iniciativa privada.

As associações de produtores, cooperativas ou empresas especializadas deveriam ter estímulo do Governo Federal para multiplicação de batata semente no Brasil ou Cone Sul, através de convênios com outros países (Argentina, Chile, Holanda e Alemanha).

Ao governo brasileiro caberia a função de disciplinar a conduta, melhorando formas de fiscalização e controlar o trâmite de tubérculos, assim como definir as variedades aprovadas. O sistema atual mostrou-se ineficiente para baixar custos, portanto é necessário delegar poderes à iniciativa privada. É possível, com prática dessa natureza, baixar em 50% o custo da semente ao produtor, o que diminuiria em 15% a 20% o custo operacional total.

- b) Consórcio estadual para produção de batata semente nacional.

A reprodução das cultivares nacionais, em especial as mineiras e paulistas (Itararé, Chiquita, Apuã, Mantiqueira e Aracy) deveria ser feita em consórcio.

As instituições estaduais de pesquisa (EPAMIG, IAC) forneceriam as sementes básicas sob encomenda em maior volume possível às empresas cadastradas que iriam reproduzir os tubérculos. Os produtores interessados, mediante contrato, adquiririam a reprodução da batata semente estipulando o cultivar, o preço, a época de entrega, a quantidade, etc. Essa é a maneira de aumentar a quantidade ofertada dessas variedades que foram aprovadas no cultivo, na culinária e no comércio e que inclusive responderam melhor ao uso equilibrado de insumos modernos. Esta proposta justifica-se porque o trabalho de reprodução de batata semente é pouco intensivo, pois está ligado aos pesquisadores melhoristas. Conseqüentemente o volume ofertado ao produtor é insignificante em relação ao das cultivares estrangeiras. É necessário criar um projeto específico apenas para reprodução dos tubérculos sementes básicas, que teria todos procedimentos próprios e necessários. O Governo investiu anos para obter as variedades e atualmente não possui condições ou órgão adequado à multiplicação da semente, já que o volume de batata e a sua renovação é muito diferen-

te de grãos.

8.3 - Alterações na Comercialização

Atualmente o mercado de batata lisa (Bintje, Baraka e Radosa) é diferenciado da batata comum (Achat, Delta e Elvira). No entanto, grande parte dos consumidores não difere as cultivares e grande parte de varejistas desconhece os municípios produtores e sua época de produção. Assim propõe-se aos produtores:

a) Solicitar ao Governo do Município grande produtor reserva de local para estacionamento de caminhões, que venham buscar o produto, procurando evitar aglomeração de venda em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

b) Classificar a batata, por cultivar, na propriedade agrícola. Esclarecer ao público consumidor qual a característica da variedade de batata a

ser consumida e seu uso.

c) Dar estímulo para que parte da produção ocorra através de contrato com firmas de alimentos.

d) Solicitar aos Governos Estaduais (São Paulo, Minas Gerais e Paraná) concessão de área comum (sem ônus) para comercialização nos entrepostos (CEASAs), bem como a divulgação do município produtor na safra.

e) Junto à Secretaria de Educação de cada estado articular a maneira mais barata e melhor de fomentar e diversificar o uso da batata e outros legumes na merenda escolar, criando sistema especial de comercialização e processamento para essa finalidade.

f) Divulgar nos CEASAs um calendário de colheita dos municípios produtores e variedades predominantes, a fim de valorizar o produto na região produtora.

NOTAS

¹Parte integrante do projeto de pesquisa SPTC-IEA 16-011/90. Recebido em 04/05/93. Liberado para publicação em 14/06/93.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola e membro da Comissão Técnica de Batata da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

³Camargo Filho, Waldemar P. et alii. Produção e mercado de batata, 1970-90. **Agricultura em São Paulo**, SP, v.41 (no prelo) 1993.

⁴Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, Rio de Janeiro, dez. 1992.

⁵Informações Econômicas, São Paulo, v.21, n.8, ago. 1991.

⁶Informações Econômicas, São Paulo, v.22, n.2 e 5, fev. e maio 1992.

⁷Matsunaga, Minoru et alii. Metodologia de custo de produção utilizada pelo IEA. **Agricultura em São**, SP, v.23, n.1, 1976, p.123-213.